

## Monteiro Lobato entre práticas e representações

Thaís de Mattos Albieri<sup>1</sup>

### Resumo:

*Monteiro Lobato (1882-1948) estabeleceu relações literárias e culturais com intelectuais argentinos contemporâneos a ele, o que resultou – efetivamente – publicações de artigos e livros de argentinos e de Lobato, respectivamente, no Brasil na Argentina. No que concerne especificamente aos artigos, as revistas literárias e os jornais portenhos foram os grandes suportes que veicularam artigos de Monteiro Lobato; o mesmo procedimento foi feito aqui por parte do escritor, que adquirira a Revista do Brasil em 1918. Diante destas trocas, questões de literatura, leitura e cultura permearam estes artigos. Além disso, as cartas enviadas e recebidas por Lobato de escritores, editores e tradutores do país vizinho entre 1918 e 1922 auxiliam a compreender de que procedimentos o brasileiro e os argentinos se valeram para que a circulação da literatura produzida em seus países ganhasse visibilidade na região vizinha. É neste contexto que a noção de sistema literário colabora para a análise do intercâmbio literário-cultural promovido por Monteiro Lobato nas páginas de sua revista e por seus pares argentinos nos periódicos portenhos na primeira metade do século XX.*

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, revistas literárias, literatura, Brasil, Argentina.

### 1. A Revista do Brasil: do grupo do Estado de S. Paulo às mãos de Monteiro Lobato.

A *Revista do Brasil*, iniciativa de Júlio de Mesquita, juntamente com Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior, foi inaugurada em 25 de janeiro de 1916.

Atento às inovações tecnológicas, Mesquita, dono d'*O Estado de S. Paulo*, fez empréstimos e conseguiu expandir a redação e a administração do jornal, além de comprar nova impressora e linótipos. Dentro do contexto de mudança e de reformulações pelas quais o periódico passava, surgiu uma revista, que primeiramente se chamaria *Cultura* mas, que devido ao caráter nacionalista, denominou-se *Revista do Brasil*. Mesmo vinculada ao periódico dos Mesquita, a *RB* mantinha autonomia, pois foi economicamente constituída como outra empresa, através de uma sociedade anônima:

*(...) do ponto de vista estritamente comercial, o lançamento de uma publicação de cultura em um país que possuía altos índices de analfabetismo, não deveria ser o melhor investimento para uma empresa como O Estado de S. Paulo, que enfrentava problemas de caixa. Possivelmente por isso o novo periódico, apesar de idealizado e gestado na redação do jornal, tenha sido criado sob a forma de uma sociedade anônima, composta por 66 acionistas, cada um detendo uma única cota. O controle da linha editorial da publicação ficaria a cargo de Julio de Mesquita, porém os riscos financeiros que envolviam o empreendimento seriam divididos entre todos os investidores. Coube a Pinheiro Junior a tarefa de angariar os acionistas da revista<sup>2</sup>.*

Os 66 acionistas com que contava a *RB* incluíam nomes como: Alfredo Pujol, Amadeu Amaral, Alarico Silveira, Armando Salles de Oliveira, Plínio Barreto, Ricardo Gonçalves, entre ou-

<sup>1</sup> Thaís de Mattos ALBIERI. Doutoranda. IEL - Unicamp. Departamento de Teoria e História Literária. Bolsista FAPESP.

<sup>2</sup> Cf. Luca, Tânia de. *Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. pp. 37-38.

tros; do total, 77,3% tinham o título de doutor – eram advogados, bacharéis, médicos – o que sugere que o periódico agregava a elite intelectual e financeira da São Paulo da época<sup>3</sup>.

Monteiro Lobato, embora colaborasse no *Estado de S. Paulo* desde 30 de outubro de 1913, não aparece entre os acionistas; para este fato, Tânia de Luca apresenta um argumento que parece resumir a situação financeira do herdeiro da fazenda Buquira:

*A situação desfavorável da economia brasileira nos anos de 1913-1914, a restrição dos créditos, as constantes flutuações no preço do café e o início da guerra na Europa, conjuntura que afetava indistintamente os produtos agrícolas, tornava ainda mais aflitiva a saúde financeira de Lobato. Em 1915, época em que já havia decidido pela venda da propriedade, seu passivo beirava a casa dos vinte contos de réis. Tais dificuldades possivelmente expliquem porque Lobato não figurou entre os acionistas da Revista do Brasil*<sup>4</sup>.

Lobato não figurou entre os acionistas, porém permaneceu como colunista do jornal paulistano e de outros periódicos do interior e litoral paulista; à medida que cresce sua participação na vida literário-intelectual de São Paulo, seu interesse pela fazenda vai desaparecendo, o que culmina com a venda da propriedade em 1917.

O sucesso dos artigos, a venda da propriedade e o aparecimento da *RB* fizeram com que Lobato vislumbrasse dois planos: sua editora e seu jornal. Tais planos se tornaram mais palpáveis depois da venda da fazenda, que proporcionou, ao então colaborador, condições materiais de concretizar as idéias que tinha em mente, e que se realizaram em 1918.

## **2. Monteiro Lobato na Revista do Brasil**

A *RB*, como observado anteriormente, passou a circular a partir de 1916 e Lobato, à época, já colaborava n' *O Estado de S. Paulo*, importante porta de entrada no corpo de colaboradores da revista. O escritor estreou na publicação mensal no número 3, com o texto “A Vingança da Peroba”, passando, desde então, a publicar contos, artigos e crítica de artes plásticas. Sobre sua figuração na publicação, Lobato, entusiasticamente, comenta em carta a Godofredo Rangel:

*Acabo de receber carta da Revista do Brasil, anunciando que figurarei nos números de novembro, dezembro e janeiro. Isto é sintoma de que minha cotação cresce*<sup>5</sup>. (Carta de 13.11.1916).

A “cotação” de Monteiro Lobato realmente cresce, dado que publicava seus contos nas páginas da revista e ainda fora incentivado por Plínio Barreto a escrever, especialmente para a *RB* um romance, o que o escritor fará em 1926 – porém não para a *RB* – quando saiu, editado em livro, *O Presidente Negro*<sup>6</sup>. Além disso, em 1917, depois da venda da fazenda Buquira, Lobato foi nomeado, pelo mesmo Plínio Barreto, diretor da publicação. O convite é comentado em carta a Rangel, de novembro de 1917:

*Lá pela Revista do Brasil tramam coisas e esperam deliberação da assembleia dos acionistas. Querem que eu substitua o Plinio na direção; mas minha ideia é substituir-me á assembleia, comprando aquilo. Revista sem comando unico não vai. Mas a coisa é segredo – nada contes aos*

<sup>3</sup> Cf. Martins, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Imprensas e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, FAPESP, Imprensa Oficial, 2001.

<sup>4</sup> *Op.cit.* p.64.

<sup>5</sup> Cf. Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 120. A grafia de todas as cartas foi mantida.

<sup>6</sup> Sobre este assunto, cf. Martins, Milena. “Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2003.

*vereadores de Santa Rita; pode trazer complicações diplomáticas e ocasionar algum desvio na rota de Saturno*<sup>7</sup>. (carta de 04.11.1917)

Como se observa, as intenções lobatianas no que dizem respeito à revista iam além da nomeação de diretor; Lobato queria comandar, sozinho, a *RB*, pois isto lhe proporcionaria não se prender às amarras dos acionistas do periódico e tampouco d'*O Estado*, uma vez que se considerava “um burrinho muito rebelde e chucro para ter patrão – e ia ter dois: Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol”<sup>8</sup>, respectivamente o dono do jornal e o maior acionista da *RB*.

Na verdade, o escritor usaria a direção da *RB* para iniciar sua atividade editorial, embora, no início, só tivesse como produto *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito*, lançado pelo *Estado de S. Paulo*, e que vendia muitos exemplares. Com isso, Lobato parece ter enxergado na revista a possibilidade de interferir no mercado de livros e bens culturais, o que lhe aumenta a vontade de concretizar a compra da publicação, que se efetiva em maio de 1918, durante a assembléia de acionistas que decide a venda da *RB* a Monteiro Lobato. Em 03 de junho, a venda foi anunciada na revista por intermédio de uma nota:

#### *REVISTA DO BRASIL*

*A Sociedade Anonyma “Revista do Brasil” transferiu a 3 do corrente por escriptura publica, ao sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferencia autorizada pelos accionistas em assembléia extraordinária realisada no dia 20 de maio. O presidente da directoria desta sociedade, dr. Ricardo Severo, não podendo comparecer á assembléia, por motivo de força maior, dirigiu aos seus companheiros da directoria a carta que abaixo transcrevemos:*

*“Meus amigos: - “Tendo sido chamado ao Rio, não me foi possível assistir á sessão extraordinária da Soc. Anonyma “Revista do Brasil” convocada para o dia 20 do corrente.*

*Teria approved francamente a proposta Monteiro Lobato e teria cumprido um dever, chamando a atenção dos accionistas para o trabalho de redacção e gerencia, salientando o valoroso esforço dos que deram á “Revista do Brasil” o impulso e direcção que a collocam na situação de evidente realce em que se encontra.*

*Cumpriria ainda o dever de esclarecer summariamente a situação perante a proposta apresentada. Simples é o caso. Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da sua textura financeira.*

*Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em collectividade anonyma, de capital parcellado em pequenas quotas de numerosos accionistas, e porque, das difficuldades que sobrevieram para integralisação do capital social, provieram as primeiras e continuas difficuldades da vida financeira desta empresa de literatos.*

*Deveria, quando muito, ter-se constituido sob a forma de parceria ou grupo minimo de associados, que desde o começo realizasse o capital-base, necessario á edição dos primeiros tomos, e aguardasse pacientemente o equilibrio commercial correspondente ao brilhante sucesso literario da revista.*

*Como, porém, assim não foi desde o principio, avolumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão*

<sup>7</sup> Lobato, Monteiro. *Op. cit.*, p. 160.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p.160.

*com uma reduzida porcentagem; e desta sorte estabeleceu-se o desequilíbrio que embarçava o desenvolvimento commercial da empresa. Com a unidade de acção e de responsabilidade, individualisando-se a iniciativa e dando-lhe a liberdade pessoal que não compete a um anonymato de limitado campo, certo estou de que a nossa Revista progredirá, conquistando mais espaço no vasto meio brasileiro e mais gloria entre as iniciativas literarias deste tempo.*

*O proponente Monteiro Lobato tem os requisitos para realizar este “desideratum”. Podemos confiar-lhe o pendão desta nossa cruzada, que, nem por ser platônica, deixa de representar um empreendimento literario de notoriedade, um acto real de revigoração das letras brasileiras. M.Lobato será um continuador leal, com fé e entusiasmo, tomando o encargo com a obstinação quixotesca de proseguir um ideal, assim como nós outros; e se isto não é um signal do pragmatismo de actualidade, representa ao menos uma affirmativa de vigorosa acção, é uma rutilante emanação de nosso espirito ethnico.*

*Cumpre, porém que nomeadamente se denuncie á consagração dos nossos companheiros (sic) a dedicação de Plinio Barreto, zeloso e assiduo redactor-chefe, que não regateando o seu esforço, totalmente se devotou á sua espinhosa missão, sem outra paga que não seja a gloria da obra executada, do labor bem cumprido. E deve assignalar-se a operosa collaboração do secretario-gerente Pinheiro Junior que movimentou a Revista desde a typografia até ao difficil mercado das letras; e a attitude amiga do “Estado de S.Paulo” com a franca propaganda de sua vasta publicidade, com a habil e constante collaboração das suas officinas.*

*E pelo que todos havemos feito a bem das letras brasileiras – simples collaboradores accionistas – dar-nos-emos por satisfeitos com a serie de tomos publicados da **Revista do Brasil**, que constituem em sua formação global uma **Obra** de merito e de patriotismo, que é de todos nós, de nosso justo orgulho.*

*Aos amigos, o meu muito saudar.*

*S.Paulo, 22 de maio de 1918.*

*Ricardo Severo.*

*Em consequencia dessa transferência deixou o logar de redactor-chefe da Revista do Brasil o dr. Plinio Barreto, que desde o seu inicio, em 1916, a vinha dirigindo com o superior criterio e a alta intelligencia que lhe são característicos, continuando o dr. Pinheiro Junior como secretario-gerente. Na mesma assembléa foi proposto e aprovado unanimemente um voto de agradecimento e louvor aos srs.drs. L.P.Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos directores da Revista, e também ao jornal O Estado de S.Paulo, pelos relevantes serviços prestados a esta publicação<sup>9</sup>.*

Ricardo Severo, na carta, expõe a necessidade de que a revista tenha “comando único”, como se expressou Lobato em missiva a Rangel: efetivamente a constituição do periódico em Sociedade Anônima, com muitos acionistas, não lhe garantiu, entretanto, os recursos necessários para que os primeiros tomos fossem editados; sem a posse de capital, “avolumou-se extraordinariamente o passivo”, o que justifica a venda a apenas um comprador.

---

<sup>9</sup> *Revista do Brasil*. Número 30, junho de 1918.

A partir de junho, Lobato é dono da *RB* e, em julho, edita, por uma empresa sem nome e sem registro comercial, mas que já funcionava, seu segundo livro; esta seria o embrião da Empresa Editora “Revista do Brasil”<sup>10</sup>, que o escritor menciona ao contar a Rangel os números da atual publicação:

*(...) Acaba de fazer um ano que comprei a Revista do Brasil. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero. Isto me induziu a tomar a coisa a serio e criar a Empresa Editora “Revista do Brasil” com o capital de 100 contos<sup>11</sup>. (Carta de 06.07.1919).*

De caráter cultural, a *RB* tinha na literatura um dos eixos centrais. Textos dos já consagrados Olavo Bilac, Francisca Júlia, Rui Barbosa, Júlio Ribeiro, se misturavam aos artigos dos integrantes do Minarete<sup>12</sup>, como Ricardo Gonçalves e Godofredo Rangel, marcando uma tendência das revistas da época, que era a de publicar aqueles que eram da “roda” de amigos; ao mesmo tempo em que fazia este tipo de edição, Lobato também tinha por princípio divulgar novos escritores, além de valorizar textos que privilegiassem aspectos da cultura nacional<sup>13</sup>.

As seções fixas da revista como “Bibliographia”, “Rezenha do Mez”, “Movimento Literário” e “Movimento Editorial”<sup>14</sup>, apontam para a divulgação de livros lançados no mercado; não se trata, necessariamente, nem de obras canonizadas e tampouco ligadas ao Modernismo, já que Lobato tinha divergências com o grupo, embora viesse a publicar os “estreantes”; o tom dos textos que divulgavam as obras destinava-se a um público amplo e não especializado.

É interessante notar que nem todos os livros divulgados e criticados eram de literatura: havia conferências, política, economia, história, filosofia, geografia, o que ratifica o caráter diversificado e cultural da *RB*.

Nem todos os livros divulgados eram também publicados no Brasil. A partir de 1918, a menção a títulos editados principalmente em Buenos Aires se torna sistemática. E, na esteira da divulgação destas obras, aparece a colaboração de intelectuais argentinos com textos de crítica literária de livros lançados no país vizinho. O estreante argentino na *RB* é o escritor José Ingenieros que, em janeiro de 1918, antes mesmo de Lobato assumir a direção da revista, publica, na “Rezenha do Mez”, sob o título “A personalidade sentimental”, o artigo que figurara na *Revista de Filosofia*, de Buenos Aires.

Sendo assim, poder-se-ia inferir que o caráter nacionalista da publicação, que tanto agradava a Lobato, estava, de certo modo, perdendo espaço, já que a Argentina e a Europa ganhavam também as páginas da *RB*. Em 1917, tal situação já colocara o escritor preocupado, como se observa na carta endereçada a Rangel:

*(...) A Revista está se afastando do seu programa. Neste número só falamos de coisas nossas, o Medeiros (e Albuquerque) e eu. Tudo o mais é coisa forasteira. Anda a nossa gente tão viciada em só dar atenção às coisas*

<sup>10</sup> Sobre as editoras de Monteiro Lobato, cf Bignotto, Cilza. “Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato” (1918-1925). Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.

<sup>11</sup> *Op.cit.* .p.202.

<sup>12</sup> O Minarete era composto pelo grupo de estudantes da Faculdade de Direito, sob a liderança de Monteiro Lobato.

<sup>13</sup> Há dois trabalhos que tratam de forma mais acurada a *RB*. Cf. Luca, Tânia. *Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999 e Martins, Milena Ribeiro. “Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2003.

<sup>14</sup> A grafia dos nomes das seções foi mantida tal como está na revista.

*exóticas, que mesmo uma “revista do Brasil” vira logo revista de Paris ou da China”. Nascida para espelho de coisas desta terra insensivelmente vai refletindo só coisas de fora*<sup>15</sup> (Carta de 1917).

A declaração feita na carta acima parece, no entanto, atingir o escritor, mas não o suficiente para que ele, quando assumiu a revista, diminuísse a presença argentina na *RB*. Ao contrário: de junho de 1918 a 1925, período em que Lobato esteve à frente da publicação, as relações Brasil-Argentina se estreitaram das mais variadas formas: textos publicados por argentinos sobre a literatura brasileira e vice-versa, lançamento de traduções do português e do castelhano, artigos sobre política e economia do Prata, além de anúncio de livros lançados pelas editoras argentinas.

É importante ressaltar que Monteiro Lobato mantém, desde 1919, correspondência com o editor e escritor argentino Manuel Gálvez<sup>16</sup>. Em novembro do mesmo ano, a *RB* passa a divulgar o anúncio “Novidades Literárias Argentinas”, que apresentava os livros publicados pela Cooperativa Editorial Ltda, de propriedade do argentino.

**Novidades Literárias Argentinas**

No intuito de pôr os leitores da “Revista” em contacto com a literatura argentina cujo movimento é hoje notável, já em obras originaes já em traducções, podemos hoje annunciar algumas obras da “Cooperativa Editorial Limitada” á venda em nossa redacção.

JOSÉ INGENIEROS — La Locura en la Argentina . . . . .	5\$000
Este notavel estudo trata da loucura e bruxaria no periodo colonial, dos antigos “loqueros” de Buenos Aires, da loucura durante a revolução, no tempo de Rosas e hoje.	
CARLOS IBARGUREN — La literatura y la gran guerra . . . . .	5\$000
BENITO LYNCH — Raquela (romance da vida argentina) . . . . .	5\$000
RABINDRANATH TAGORE — La cosecha de la fruta, versão de Muzzio Saenz-Peña . . . . .	3\$000
MANOEL GALVEZ — La maestra normal (romance da vida de provincia) . . . . .	5\$000
MANOEL GALVEZ — El mal metafísico (romance) . . . . .	4\$000
BERNARD SHAW — El heroe y sus hazañas (comedia anti-romantica) . . . . .	5\$000
ALIPIO CHIAPPORI — La belleza invisible (estudios de esthetica) . . . . .	5\$000
H. QUIROGA — Cuentos de Amor, Locura y de Muerte . . . . .	5\$000
ARTURO CAPDEVILA — El amor de Schahrazada . . . . .	4\$000
MARIANO BARRENECHEA — Historia Estética de la Musica . . . . .	6\$000
DELFINA BUNGE DE GALVEZ — La nouvelle moisson . . . . .	4\$000
MANOEL GALVEZ — Nacha Regules (romance) . . . . .	4\$000
MANOEL GALVEZ — La sombra del convento (romance) . . . . .	5\$000
ALVARO MELIAN — Literatura contemporanea . . . . .	5\$000
ALEJANDRO COSTINEIRAS — Maximo Gorke . . . . .	5\$000

Pedidos á “REVISTA DO BRASIL”, caixa 2-B, acompanhados de mais 500 réis por volume para o porte

*Revista do Brasil*. Número 47, ano IV, Vol. XII. Novembro de 1919.

Diante deste anúncio – no qual, dentre as 16 obras citadas, 4 são de Gálvez – parece iniciar-se uma parceria entre a Cooperativa Editorial Buenos Aires e a *Revista do Brasil*, já que os “leitores da “Revista” teriam acesso aos livros argentinos “cujo movimento é hoje notável”.

Em 1921, o mesmo Manuel Gálvez publica *Urupês*, com tradução de Benjamin de Garay, pela Editorial Pátria, de Buenos Aires. O anúncio de tal tradução foi publicado na *RB* de janeiro:

<sup>15</sup> *Op.cit.*, p.129-130.

<sup>16</sup> As cartas de Monteiro Lobato endereçadas a Manuel Gálvez pertencem ao Acervo da Academia Argentina de Letras, em Buenos Aires.

*De Monteiro Lobato está a surgir em Buenos Aires sua tradução dos Urupês, editada pela empresa Patria*<sup>17</sup>.

A crítica ao livro acima anunciado foi primeiramente publicada no jornal *Folha da Noite*, sob o título “O *Urupês* de Monteiro Lobato”, posteriormente transcrito na *RB*, de julho de 1921, na seção “Rezenha do Mez”, na sub-seção “Literatura Brasileira na Argentina”:

*Os autores brasileiros estão em voga na República Argentina: frequentemente encontramos nos mais importantes diários e revistas daquela nação traduções – e boas traduções – de poesia, novellas e romances dos nossos principais poetas e escriptores. Ainda agora chega-nos ás mãos um exemplar de “Urupês”, o notavel livro de contos do sr. Monteiro Lobato, traduzido para o hespanhol pelo ilustre poeta argentino sr. Benjamín de Garay, ora no Rio, occupado em verter a sua lingua “Os Sertões”, de Euclýdes da Cunha.*

*Parecia-nos difficilima, senão impossivel, uma tradução fiel do bello livro do consagrado escriptor paulista, todo elle repleto de brasileirismos e expressões que, por serem absolutamente nossas, só nós as comprehendemos e sabemos apreciar a sua acre e estonteante belleza. Pois o sr. Benjamín de Garay praticou essa proeza, conseguindo traduzir “Urupês” com absoluta fidelidade, sem lhe alterar seu bello aspecto regional.*

*Lançado assim no mundo intelectual buenairense, o livro do sr. Monteiro Lobato alcançou logo um immenso sucesso, tendo o nome do brilhante escriptor patricio conquistado uma grande popularidade na capital portenha. Tanto assim, que “La Nacion” lhe dedicou uma pagina inteira e outras publicações como “Plus Ultra”, “Caras e Caretas”, “Nueva Era” e outras estamparam, acompanhado de grandes elogios, o retrato do escriptor paulista.*

*(...) A traducção feita pelo sr. Garay do livro do nosso compatriota foi editado pela “Casa Patria”, que lhe deu uma feição bastante atraente e elegante.*

*Da “Folha da Noite” – S. Paulo*<sup>18</sup>.

O texto acima transcrito, de autoria desconhecida, sugere que havia circulação da obra de brasileiros na região do Prata. Nota-se, ainda, que Benjamin de Garay parece contribuir para a divulgação de tais obras através de traduções e do contato com a cultura brasileira, já que, à época de escrita do artigo, estava no Rio de Janeiro, “preocupado em verter *Os Sertões*, de Euclýdes da Cunha”. Além disso, *Urupês* em castelhano projeta o nome do escritor Monteiro Lobato “no mundo intelectual portenho”. Ao publicar este artigo, a *RB* parece, também, interessada em divulgar a veiculação das obras brasileiras na Argentina e fomentar a troca literária entre os dois países, visto que a revista, desde 1918, contou com escritos de argentinos, e a partir de 1919, os anúncios e as resenhas de livros publicados no Prata passam a ser sistemáticos.

Como espécie de recompensa à publicação do livro de Monteiro Lobato na Argentina as páginas da *RB*, em 1921, veiculam anúncio de livros de três editoras buenaienses: a Cooperativa Editorial Ltda, a Editorial Pátria (que publicou *Urupês*) e a Editora Revista Argentina de Ciências Políticas. A partir destas trocas, nos anos decorrentes, a literatura argentina ganha espaço em detrimento da literatura européia<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> *Revista do Brasil*. Seção “Rezenha do Mez”, número 61, Janeiro de 1921.

<sup>18</sup> In “Rezenha do Mez”. *Revista do Brasil*, número 67, julho de 1921.

<sup>19</sup> Segundo Milena Ribeiro Martins, em 1921, a *RB* veicula o anúncio de 08 livros argentinos, contra apenas 03 lançados por editoras portuguesas. Cf. “Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos”. Tese de Doutorado, IEL.Unicamp, 2003.

Os espaços dedicados à literatura brasileira na Argentina e à literatura argentina no Brasil, como vimos, ocorre basicamente via imprensa – jornais e revistas – e através de **agentes** – mais especificamente escritores – que se comprometem a fazer o intercâmbio literário-cultural entre os dois países. Na década de 1920, os que mais contribuíram para este “traslado” de obras foram, aqui e no Prata, respectivamente, Monteiro Lobato e Manuel Gálvez; estes, no entanto, precisavam, além das obras, de alguém que, efetivamente, as divulgasse, e que tivesse bom trânsito nos dois países. Esta figura seria Benjamin de Garay

Diante do fortalecimento destas relações, a presença Argentina na *RB* durou até 1925, quando Monteiro Lobato a vendeu a Assis Chateaubriand, fechando, desta forma, o ciclo da literatura argentina no cenário periodístico brasileiro, o que significa dizer que, a partir daí, outras serão as formas de manter as transferências literário-culturais. É neste contexto que as cartas trocadas entre Monteiro Lobato e os intelectuais argentinos serão fundamentais para compreender a manutenção e a expansão destas relações, que passam por questões de livros, de literatura e de leitura.

## **Bibliografia**

BIGNOTTO, Cilza. “Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato”. Campinas: IEL/Unicamp. Tese de Doutorado, 2007.

GÁLVEZ, Manuel. *Recuerdos de La vida literaria*. Buenos Aires: Taurus, 2002. 2 volumes.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1969. 2 volumes.

LUCA, Tânia de. *Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensas e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, FAPESP, Imprensa Oficial, 2001.

MARTINS, Milena Ribeiro. “Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos”. Campinas: IEL/Unicamp. Tese de Doutorado, 2003.

*REVISTA DO BRASIL*. São Paulo: Edições da Revista do Brasil, 1918 e 1919.